

AS MULHERES VISTAS PELA LITERATURA E PELA SOCIEDADE NA QUAL VIVEMOS: UMA COMPARAÇÃO

Luis Henrique Araujo dos Santos

Resumo: Na literatura ocidental vemos peças, contos, romances, entre outros gêneros narrativos, épicos e líricos como a mulher é tratada, e aqui observaremos e evolução desse tratamento fazendo uma comparação entre a literatura e nosso cotidiano, já que a literatura é uma das melhores formas de viajar ao passado e entender seu contexto histórico em diversas culturas saberemos como a mulher era vista de séculos passado e como é vista agora, se houve mudanças e o que ainda está demorando para mudar, e como o século XXI trata o gênero feminino com as tecnologias avançadas.

Palavras-chave: Mulheres, literatura, sociedade, capitalismo, patriarcado.

INTRODUÇÃO

Grande parte dos livros de distopia parte de uma abordagem similar, não só a distopia ou governo totalitário em si, mas, em resumo, um homem seguindo regras, preso pelo sistema até que se apaixona por uma mulher que o liberta desse sistema, ou tenta fazê-lo, como se o poder da liberdade fosse feito apenas para as mulheres terem, uma tarefa para elas cumprirem, não por acaso fazem isso, desde Adão e Eva a mulher é o traço da liberdade da opressão, e o homem um ser manipulado pelo sistema, acontece em Nós, de Zamiatin, 1984, de Orwell, em Jogos Vorazes (onde a protagonista, Katniss leva o peso da liberdade de toda uma nação em seus ombros), de S.Collins, Metrópolis, de Von Harbou (um caso um pouco diferente sobre classes sociais mas semelhante quanto à libertação), todos eles são o Adão com conforto, sem necessidade de pensar e admiração ao mestre de cada sistema,

e suas parceiras a Eva cujo intuito é a liberdade desse sistema opressor. Ter liberdade para pensar e agir, embora a libertação seja dolorosa nenhum recua com a tal possibilidade de ter uma liberdade com paixão, as mulheres são a espécie por busca da libertação de um sistema opressor enquanto os Adão estão presos no conforto e na admiração ao grande mestre. É fato que as "Evas" se revoltam, semelhante também com Lilith, segundo o Alfabeto de Ben Sirá, um dos textos que compõem a coleção de escritos rabínicos chamado Talmud, Lilith foi criada a partir da poeira junto a Adão – portanto, antes de Eva. Mas ela negou-se a deitar sob ele na hora do sexo por não se sentir inferior e, em protesto, abandonou o Éden. Ou seja, segundo o antigo folclore judaico, Lilith rebelou-se contra a “superioridade” masculina de Adão, o que a torna uma figura problemática para o judaísmo e para o catolicismo e religiões patriarcais, as Evas e Liliths do mundo não-literário sempre foram o medo do sistema e do conforto dos Adãos, eles queimam elas por sua capacidade e complexidade (como na Inquisição do século XV). Porém, mesmo que busque a tal da liberdade, sempre estarão presas, seja a dogmas, sistema ou ciclo da natureza, ninguém é livre de verdade, mas é livre pra pensar que o é. E essas prisão está reverberando socialmente em diversas formas no nosso cotidiano.

Relacionamentos financeiros e o patriarcado

Passando para o tempo contemporâneo não-literário, especificamente nas relações problemáticas, dito isto pois no momento em que uma mulher começa a se relacionar com um homem problemático (um não empregado, ou disposto a estudar, fazer algo que lhe seja útil, ou jogado do outro lado do sistema opressor para pobres negros, no crime, não entrarei nessa questão aqui) a primeira impressão dos terceiros são de "então é você que irá dar um jeito no meu filho", ou "é você que o mudará a vida dele", como se a mulher tivesse em sua essência uma clínica de psiquiátrica, mesmo se a mulher X fosse psicóloga não cabe a ela totalmente o dever de "dar um jeito" no homem Y, elas são usadas como um suporte para Adão, sempre protegido por uma divindade, o sistema no caso, para ajudá-los a mudar de vida pois é dito explicitamente que eles não conseguem o fazê-lo sozinhos. Esse modo patriarcal sempre foi o mais "aceito", melhor dizendo, o mais confortável para os homens no mundo, são afastados de deveres domésticos em toda a fase da adolescência, não generalizando, mas é comum de se ver, enquanto a mulher

sempre desde nova aprendendo a como cuidar da casa, é comum o mercado de brinquedos se voltarem para "a diversão dos cuidados da casa", bonecas que choram e precisam ser alimentadas, fogões de brinquedo com mini-panels, interessante ao observar crianças nesse ambiente de casa brincarem de "mamãe e papai" a garota automaticamente se coloca como doméstica e o garoto sai para trabalhar, difícil ver uma iniciativa de ela querer ser médica ou advogada enquanto o garoto cuida da casa, o que ultimamente é mais habitual de ver mulheres sustentando a família, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), "o percentual de domicílios brasileiros comandados por mulheres saltou de 25%, em 1995, para 45% em 2018, devido, principalmente, ao crescimento da participação feminina no mercado de trabalho". Esse número tende a subir com a pandemia que fez com que mulheres se sobrecarregassem nas áreas de trabalho e domésticas tendo de fazer múltiplas coisas e isso já com algum cônjuge, além do mais, a violência doméstica só aumentou, uma em cada quatro mulheres acima de 16 anos afirma ter sofrido algum tipo de violência no último ano de 2020 no Brasil, durante a pandemia de Covid, segundo pesquisa do Instituto Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), Isso significa que cerca de 17 milhões de mulheres (24,4%) sofreram violência física, psicológica ou sexual no último ano. A percentagem representa estabilidade em relação à última pesquisa, de 2019, quando 27,4% afirmaram ter sofrido alguma agressão. É importante ressaltar que quando se trata de relacionamento e crise econômica a pessoa não há como escapar do estresse e a mulher se torna vítima como se ela fosse a culpada e essa é a forma de seu cônjuge relaxar pois a frustração dele é culpa dela, a mulher na relação é uma espécie de bode expiatório para a natureza desumana de seu cônjuge.

Um ótimo exemplo de economia pode ser feita com O Cortiço de Aluísio de Azevedo, onde tem personagens icônicos com suas personalidades e histórias singulares, mas aqui irei dar atenção a poucos como João Romão que é um comerciante ambicioso e dono do cortiço e Bertoleza uma mulher que acredita ser aforriada (escrava livre), João Romão a engana com uma carta do dono dizendo que ela estava livre e a usa não como um objetivo de enriquecê-lo mas também nos momentos de estresse, tédio ou simples tesão ter relações com a pobre escrava, após ele ter usado de suas habilidades e ficar rico e quase a ter matado para se casar com alguém de mais alta patente na sociedade burguesa para ter um título

maior, Bertoleza não se intimidou e queria metade de tudo o que, realmente, ela conquistou, ele a denunciou pois não queria que ela estragasse seus planos já que não conseguiu matá-la, a polícia veio buscá-la junto com seu dono, ela, uma vez escrava de um senhor e outra do sistema capitalista, não querendo ser escrava do primeiro de novo se matou. A mulher, como a tradição patriarcal, levantou o homem nos negócios e depois de conquistar tudo a dispensou como a escrava que a pobre o era, o dinheiro afeta as relações mais do que o amor próprio dito. Assim sendo, é usual vermos sempre uma casal se separar por condições financeiras, ou se trocando por alguém com melhores condições, afinal todos querem ter um conjugê com dinheiro, no sistema monárquico para um homem ser rei precisava se casar com uma mulher e, melhor seria, se a moça tivesse um dote imenso para enriquecer mais seu marido, apenas interesses econômicos e com João Romão e Bertoleza não foi diferente, ele era ganancioso, e a pobre moça, não entendendo de coisas complexas da sociedade requintada por motivos de opressão patriarcal para com as mulheres na época e antes disso não terem oportunidade de estudos, ela não podia fazer nada e acabou sendo usada e descartada.

Uma mulher que sabe bem disso é a grande escritora inglesa Jane Austen (1775-1817), uma crítica ávida para a sociedade inglesa do século XIX. Em um de seus livros *Emma* a autora retrata uma opinião a respeito da necessidade de um casamento por segurança financeira, Emma Woodhouse argumenta com a amiga Harriet Smith: “...é a pobreza que torna o celibato desprezível! Uma mulher solteira, sem renda, seria uma velha criada, ridícula e desagradável! Seria motivo de piadas!”(AUSTEN, 2012: 114). Como a estética sempre foi importante na sociedade patriarcal as mulheres ao ficarem mais velhas se preocupavam em se casar logo pois não haviam possibilidade de trabalharem em quaisquer tipo de área para sustentar-se sozinhas, esse era o único caminho para a estabilidade financeira, e a protagonista Emma está ciente disso e isso é discutido com sua irmã Elizabeth:

Emma: – Ser tão inclinada ao casamento – perseguir um homem por causa de uma situação – é algo que me choca; não consigo entender. A pobreza é um grande mal, mas para uma mulher educada e de sentimento, não pode ser dos males o pior. Eu preferiria ser professora em uma escola – e penso que nada poderia ser pior – do que me casar com um homem de quem não gosto.

Elizabeth: – Eu já frequentei a escola, Emma, eu conheço a vida que elas levam; [...] Eu não gostaria de me casar com um homem desagradável, assim como você, mas não creio que existam tantos homens desagradáveis; acredito que eu poderia gostar de qualquer homem bem humorado e com uma renda confortável. (AUSTEN, 2007: 60)

Ora, mas não é apenas recorrer às leis? Estamos falando do século XIX, quem fazia as leis era apenas os homens, já que as mulheres tinham tarefas domésticas e uma mulher trabalhando e deixando seus afazeres era considerado um ultraje, então não havia leis para recorrer. O direito de propriedade e o controle do dinheiro eram exclusivos dos maridos, somente após ao The Married Woman's Property Act, de 1870, é que as mulheres conquistam o direito de herdarem rendimentos e propriedades após o casamento, antes disso as mulheres eram tidas como objetos, eram tratadas como insanas se pensassem em não seguir os dogmas impostos pelo patriarcado, os homens possuíam seus corpos e seus pensamentos, eles tinham o direito de se divorciar se a mulher fosse infiel, eles podiam aprisionar suas mulheres para ter satisfação sexual elas querendo ou não.

Outro grande clássico de Jane Austen que trata de casamento e dinheiro é Orgulho e Preconceito de 1813, o livro se abre com uma frase que já da uma alfinetada nos costumes da época: *“É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, possuidor de uma grande fortuna, deve estar em busca de uma esposa”*. E com essa citação de Jane Austen já sabemos que o livro irá se tratar de relacionamentos, casamentos e dinheiro. A história desse romance gira em torno da família Bennet, cercada pelas pressões para que suas cinco filhas arrandassem casamentos favoráveis, já que não teriam direito à herança depois da morte do seu pai por serem mulheres. A trama tem início quando um jovem solteiro, Mr. Bingley, se muda para a propriedade de Netherfield, nas redondezas do Hertfordshire, onde vivia a família Bennet. Sendo logo convidado para um baile, ele comparece acompanhado de suas irmãs e de um amigo, Mr. Darcy. Bingley logo se interessa por Jane Bennet, a mais velha das irmãs, mostrando-se simpático e cordial para com todos da região, enquanto Darcy é considerado esnobe e arrogante por todos, especialmente por Elizabeth. A mãe de Jane Bennet queria que suas filhas se casassem para ter um sustento para sobreviverem, seu marido um dia iria vir a falecer e a herança não iria para as filhas e sim para um membro masculino da

família, como era de costume na época, e como eram cinco irmãos quem possuiria a herança seria o primo de Jane, o Collins. Assim, para se terem chances de se casarem mais depressa, as mulheres da época para serem consideradas moças desejáveis, deveriam desenvolver diversas habilidades em línguas, conhecimentos básicos de geografia e história, música, pintura ou desenho, bordado e dança. As principais línguas eram o francês e o italiano para que pudessem traduzir as músicas. Os conhecimentos relativos à geografia e à história forneciam um embasamento para futuras discussões a respeito de outros países.

Em um dos diálogos do livro, Mr. Darcy defende:

— Oh, certamente! Ninguém pode realmente ser considerada como prendada se não ultrapassa em muito o que é geralmente tido como prendada. Uma mulher há de ter um vasto conhecimento de música, canto, desenho, dança e dos idiomas modernos para merecer a palavra; e, além de tudo isso, ela deve possuir um certo quê em seu semblante e modo de caminhar, o tom de sua voz, sua maneira de falar e suas expressões ou a palavra seria meio merecimento. (2012, p. 27)

Certamente podemos notar a pressão para com as mulheres e seus deveres para terem um casamento infeliz, era necessário para sobreviver já que o dinheiro virou o centro das atenções a partir do século XV com o avanço do capitalismo nas grandes navegações, e hoje não aparenta ser tão diferente, porém, as mulheres que estão carregando o casamento e o sustento da família nos ombros.

Como já temos visto que o capitalismo que controla nosso sistema de se relacionar é indispensável apresentar aqui Friedrich Engels (1820-1895), foi um filósofo social e político alemão. Teve papel de destaque no desenvolvimento do marxismo. Engels no livro *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (1884), interpreta as investigações de Lewis Morgan e enriquece os detalhados estudo de Karl Marx sobre a análise materialista da história. Essa obra tenta entender a institucionalização da família junto com o materialismo e o estado capitalista moderno. Engels entende que o Estado depende da família para continuar de pé, e ele se baseia no trabalho de um lado e da família de outro: “a ordem social em que vivem os homens de determinada época ou determinado país está condicionada por duas espécies de produção: pelo grau de desenvolvimento do trabalho, de um lado, e da família, de outro” (Engels, s/d, p.08).

Voltando para Adão e Eva, se estes foram expulsos do paraíso e o primogênito de Adão, Caim, matou seu irmão e foi expulso da família este então se casou com outra mulher, sendo está filha de Eva (não diretamente), pois todos os humanos são descendentes de Adão e Eva. Deus “fez de um só homem [Adão] todas as nações dos homens, para morarem na face de toda a terra”. (Atos 17:26) Eva se tornou “a mãe de todos os viventes”. (Gênesis 3:20) Ou seja, Caim só pode ter se casado com uma mulher que também descendia de Adão e Eva. Sendo breve, Caim cometeu incesto como o resto dos seres humanos. Já no âmbito científico isso não é diferente pois ao evoluir cometíamos atos incestuosos para procriar e sobreviver já que a procriação era uma das bases essenciais para a sobrevivência, se eu fico doente e não posso caçar, meu filho irá fazê-lo por mim garantindo, assim, nossa sobrevivência. Passando da **Família Consanguínea** (Na Família Consanguínea, que é expressão do primeiro progresso na constituição da família, na medida em que exclui os pais e os filhos de relações sexuais recíprocas, os grupos conjugais classificam-se por gerações, ou seja, irmãos e irmãs são, necessariamente, marido e mulher, revelando que a reprodução da família se dava através de relações carnis mútuas e endógenas.(Morgan, 1887), Dando um salto da primeira fase de família para estabelecimento do Capitalismo foi posto assim, junto com a Igreja Católica demonizando outros tipos de relações como o poliamor, comum entre indígenas, temos a monogâmia para melhor controlar a herança e o capital de uma família para o homem, sempre detentor dos cuidados da família, não ser “prejudicado”. A monogamia aparece na história sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como a proclamação de um conflito entre os sexos.

Para Engels (p.54-55).

A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos [...] O primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura te nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros. É a forma celular da sociedade civilizada [...].

A monogamia, portanto, de modo algum é fruto do amor sexual individual e não se baseia em condições naturais, mas econômicas, isto é, o triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva.(Luciana Marcassa, 2006). Ora, se a monogâmia fosse mais forte que a própria natureza humana não haveria casos extraconjugais de homens com outras mulheres casadas e visse e versa, nem casos também, não comuns, mas possíveis sim, de incesto, Morgan vai chamar isso de **heterismo**, *“outro desdobramento da monogamia é o adultério, demonstração de que o progresso manifestado nessa sucessão de matrimônios, cuja expressão máxima é a monogamia, consiste no fato de que se foi tirando, cada vez mais, das mulheres, a liberdade sexual do matrimônio por grupos”* (Luciana Marcassa, p. 87,2006).

A monogamia é apenas uma estratégia de concentração de riquezas dos homens para passar sua herança para os filhos destes que sejam homens, simbolizando, na relação conjugal, a propriedade privada, apenas quando os meios de produção passarem a ser propriedade comum, a unidade individual não terá mais apoio econômico da sociedade e então o fim da propriedade privada será a libertação sexual da mulher.

Deste modo, para Engels, “o matrimônio, pois, só se realizará com toda a liberdade quando, suprimidas a produção capitalista e as condições de propriedade criadas por ela, forem removidas todas as considerações econômicas acessórias que ainda exercem uma influência tão poderosa na escolha dos esposos. Então, o matrimônio já não terá outra causa determinante que não a inclinação recíproca” (p.67). Infelizmente esse não foi o caso das nossas queridas personagens de Jane Austen que eram ainda submissas ao sistema e ao modo de se sobreviver através do marido.

Subjugação para com as mulheres

De um modo de relações de economia, casos extraconjugais e subjugação das mulheres, ou melhor da mulher, um clássico da literatura brasileira Dom Casmurro tem esse papel, apesar da obra não se voltar em si para o adultério ou não da esposa do personagem principal Bento Santiago, ou Bentinho e Dom Casmurro quando velho, a sociedade se volta apenas para essa suposição, afinal Capitu traiu ou não Bentinho, o clássico publicado no século XIX a visão que os

leitores muda drasticamente com a vinda dos direitos das mulheres em 1960 e principalmente com nomes femininos na ciência, literatura, pintura, arquitetura entre outras áreas. No clássico de Machado de Assis (1839-1908) conta a história de Bento Santiago (Bentinho), apelidado de Dom Casmurro por ser calado e introvertido. Na adolescência, apaixona-se por Capítu, abandonando o seminário e, com ele, os desígnios traçados por sua mãe, Dona Glória, para que se tornasse padre. Casam-se e tudo corre bem, até o amor se tornar ciúme e desconfiança. É esta a grande questão que magistralmente Dom Casmurro expõe ao longo de 148 capítulos: a dúvida que paira ao longo de toda a obra sobre a possibilidade de traição de Capítu, agravada pela extraordinária semelhança do filho de ambos, Ezequiel, com o grande amigo de Bentinho, Escobar. É importante ressaltar que o livro não trata apenas de adultério, a crítica volta-se, se reparar, no sistema financeiro das relações e o patriarcado, Capitu é descrita como “a figura ambígua, de olhos de ressaca e dissimulada”, mas esta era inteligente, independente e capaz de se virar, por isso o medo de Bentinho do suposto adultério, ela vinha de uma família rica, ela não, e por esse motivo ela deveria se portar como ele bem entendesse pois ele possuía dinheiro e o ciúmes doentio de Bentinho pode se dar por ela ser independente e inteligente e não precisar de nenhum capricho dele, o que o faz se tornar inútil já que a única qualidade era o dinheiro. Capitu nunca dera motivo para tal acusação, mas o leitor se faz a acreditar já que o romance é narrado no ponto de vista de Bentinho, em um tribunal deve-se ter ambos pontos de vistas, aqui só o dele foi possível de se ter, o que era comum já que apenas homens tinha o direito de escrever, já mencionado Jane Austen ela entende isso perfeitamente em seu livro ‘Persuasão’, há um diálogo muito interessante entre Anne Elliot e o Capitão Harville, destacando a opinião forte a personagem principal. Harville afirma: *“não creio ter aberto um único livro em minha vida que não falasse da inconstância feminina. Canções e provérbios sempre falam da volubilidade feminina. Mas talvez me dirá que foram escritos por homens”*. (Austen, 1996: 278). Por sua vez, Anne Elliot defende as mulheres e responde: *“(…) por favor, não faça referência a exemplos de livros. Os homens levaram todas as vantagens sobre nós ao contar sua própria história. (...) A pena esteve em suas mãos. Não posso admitir que os livros provem alguma coisa”* (Austen, 1996: 277-278). O fato aqui é que só temos um ponto de vista, e este é masculino e como Capitu não pôde apresentar o seu ela é defendida por terceiros, porém Capitu entre muitas outras mulheres são culpadas

facilmente, mas Bentinho não pode julgá-la sendo ele o insano da história como mostra no capítulo CXXXVI (136), com a mesma facilidade que ele a acusa de adultério, nós o acusamos de insanidade, visto que ele cogita matar o próprio filho envenenado com uma xícara de café:

[...] *Chamem me embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café.*

—*Já, papai; vou à missa com mamãe.*

—*Toma outra xícara, meia xícara só.*

—*E papai?*

—*Eu mando vir mais; anda, bebe!*

Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... Mas não sei que senti que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino.

Já citado a Inquisição, Capitu seria julgada e morta, uma mulher independente faz mal numa sociedade patriarcal e em um relacionamento de interesses financeiros, embora nesse caso não há diretamente interesses financeiros, é importante ter aqui que a pessoa com dinheiro se sente no direito de subjugar outras, mesmo se esta for seu cônjuge e um “dono” não gosta de se sentir inferior sob seus subjugados. A análise feita nos tempos de hoje seriam adversas nos do século XIX ou na primeira metade do XX, pode ser mudada daqui uns tempos, as literaturas são espelhos da sociedade e esta faz análises nos tempos em que se param para analisar, o que leio hoje de um clássico fazendo uma crítica, por exemplo, do século XVIII posso analisar e fazer uma crítica no momento em que estou. Assim sendo há outra forma de análise, Bentinho nutria uma paixão muito forte por Escobar, e sua raiva por Capitu vinha da inveja por ele suspeitar que ela teve casos com Escobar e não ele, talvez esse ponto de vista fique mais comum para a frente.

Shakespeare e o feminicídio

Similar a obra de Machado de Assis em tema de traição e ciúme é a de William Shakespeare (1564-1616), Otelo, onde há racismo, ciúme, ganância, inveja entre outros sentimentos que aborda a real natureza do ser humano como em todas as obra de Shakespeare, quero chamar a atenção aqui para o ciúme de Otelo imposto por Iago, este dizendo que Cássio, amigo de Otelo, era amante de Desdêmona, Otelo uma vez um homem já racional fica descontrolado, já mostrei os dados de violência contra a mulher em plena pandemia, mas a pandemia não é o único motivo como podemos ver em uma peça da Era Vitoriana na Inglaterra, Otelo enganado por Iago comete feminicídio, matando, assim, o amor da sua vida, onde o relacionamento uma vez posto por amor fora destruído por um ciúme doentio e sem direito de Desdêmona apresentar contra-argumentos, já que, mesmo uma moça vindo de uma família rica, viver em um sistema contra ela não dá direito a uma defesa, na tragédia que Shakespeare arquiteta tão bem e desenvolve personagens tão humanos como depois dele Dostoiévsky, um escritor, filósofo e jornalista (1821-1881), o fez trazer sempre lições e apontamentos históricos de que um sistema desse é impenetrável. No fim da tragédia Otelo descobre a verdade e se mata junto de sua esposa (similar a Romeu e Julieta do mesmo autor, visto que ambos morrem juntos para permanecerem juntos do outro lado). A literatura traz essa importância tarefa para com a sociedade de trabalhar, como um reflexo, a imagem humana,. Para Candido (1972), a principal função da literatura é o seu caráter humanizador que exprime o homem e depois atua na sua própria formação. Dessa maneira, a literatura traz consigo a imagem mais humana e natural da sociedade, suas qualidades e defeitos de forma a vermos como em cada século lidamos com problemas morais e éticos de um jeito prosaico.

Medusa contra o machismo

De tragédia grega Shakespeare é mestre, mas para mostrar mais do fato da mulher como vítima trouxe um famoso mito grego que é a de Medusa, uma mulher injustamente amaldiçoada. Poseidon, deus dos mares, viu Medusa no templo de Atena, e a achou muito bonita. Achou também que por ser um deus, ele tinha privilégio sobre o corpo dela, então abusou da jovem. Atena, deusa da sabedoria,

flagrou os dois e acabou por punir Medusa pela negligência. A mulher deixou de ser mortal para assumir a forma de um monstro horrível, capaz de transformar qualquer que olhasse em pedra. É usual haver uma garota e logo ser abusada e a vítima ser a culpada, “olha a roupa dela, ta pedindo”, “saindo tarde da noite, é para merecer”, os abusadores se safam de tudo, há casos de policiais que se safaram de um abuso, gente rica sempre se safam, a justiça objeto de burguês, Medusa foi mais um vítima do sistema, a quem diga que a sabedoria de Atena nesse caso é questionável, há um outro ponto de vista, Atena é uma das poucas mulheres do panteão dos deuses, e para não gerar muita confusão com esse caso preferiu amaldiçoar Medusa já que não tinha poder suficiente para fazer algo contra um dos três grandes deuses, então pensou em dar um tipo de dom para Medusa para que não seja mais vítima de abuso (se todas as mulheres tivessem isso o mundo estaria cheio de estátuas em todo canto). Medusa virou símbolo de luta, Na Grécia Antiga, esse mesmo rosto era usado para estampar a porta de abrigos seguros para mulheres, e o símbolo perdurou na história. Medusa foi o rosto de muitos cartazes das Sufragistas nos anos 1940, quando mulheres pediam por direitos iguais. Na arte grega e Medusa é esculpida olhando de frente, como um afronto aos que ousam tentar machucar uma mulher, já outras divindades sempre estão olhando para baixo ou para o lado parecendo que desistiu de lutar e aceitou a própria submissão.

Idealizações amorosas e o patriarcado

Hei de retornar para relações amorosas, e como estamos passando de um ambiente literário e não-literário uma apresentação de um romance realista francês Madame Bovary, de Gustav Flaubert, é aqui muito bem-vindo. A história do romance gira em torno da protagonista Emma Bovary, uma jovem criada no campo e educada em um convento. Leitora ávida e com grandes sonhos burgueses, Emma vive a imaginar uma vida mais apaixonada e agitada que a sua. Para sair do campo, casa-se com um médico interiorano sem ambições. Porém, pouco tempo depois do casamento, percebe que a vida de casada não era tão encantadora quanto o que era retratado nos livros que lia. Nem mesmo o nascimento de sua filha a deixa menos frustrada com a escolha que fez. Cada dia mais angustiada, a jovem camponesa encontra no adultério a liberdade e excentricidade que tanto buscava. Assim, Madame Bovary passa a se envolver secretamente com outros homens.

Entenda aqui que não é, como a sociedade irá ser facilmente capaz de julgar, obra singularmente feita pelo gênero feminino, não é questão de generalizar essa atitude como sendo do sexo feminino:

A rebeldia, no caso de Emma, não tem o semblante épico dos heróis viris do romance do século XIX, mas não é menos heroica. Trata-se de uma rebeldia individual e que parece egoísta: ela violenta os códigos do seu meio, levada por problemas estritamente seus, não em nome da humanidade, de determinada ética ou ideologia. Porque sua fantasia e seu corpo, seus sonhos e apetites, se sentem oprimidos pela sociedade é que Emma sofre [...]. Sua derrota não prova que ela estava errada [...], mas simplesmente que a luta era desigual: Emma estava sozinha, e, por ser impulsiva e sentimental, costumava errar o caminho, envolver-se em ações que, em última análise, favoreciam o inimigo. (LLOSA, 1974, P-16-17, apud Camila David Dalvi p. 23)

Em determinado ponto da história, Emma sente-se decepcionada com um de seus amantes, além de estar abarrotada de dívidas geradas por sua infidelidade. Desesperada, se envenena e morre. Seu marido, após descobrir as traições e as dívidas, acaba morrendo de desgosto. A pobre moça em sua ânsia por aventura acaba tendo uma relação tóxica, ao ler tantos livros Emma idealiza uma vida que não é sua, ao se casar percebe que não se dá por satisfeita, em sua ânsia por aventura consegue ter dois amantes, um deles é Rodolphe, um mulherengo que à seduz, gerando uma relação possessiva, ciumenta e submissa, quando ele se cansa de tanto sentimentalismo, a abandona e sai da cidade. Nas relações sempre há uma idealização tremenda para com o parceiro que ninguém consegue suprir, de todas as obras que apresentei esta personagem foi a única que realmente cometeu adultério, mas não é aqui que quero chegar, o nome “Bovary” se tornou um exemplo para uma síndrome na psicologia conhecida como síndrome de Madame Bovary ou Bovarismo, o termo foi usado para nomear um transtorno de comportamento que resulta da idealização do amor romântico gerando uma sensação de insatisfação crônica.

As pessoas diagnosticadas com Bovarismo geralmente não conseguem estar sozinhas e julgam que o amor irá resolver todos os seus problemas. Elas investem em relações insustentáveis no longo prazo e, como solução, se envolvem com um novo par romântico ou se tornam obcecadas com o parceiro.

O filósofo Jules de Gaultier, em 1892, foi o primeiro a relatar a patologia que faz com que quem sofra da condição se sinta permanentemente melancólico e insatisfeito nas relações que estabelece.

Essa condição originalmente atingia especialmente as mulheres, que criavam uma ideia do parceiro que afinal se revelava inatingível na vida real, mas essa síndrome não é especificamente feminina, pois Llosa em *A Orgia perpétua* diz, ao se tratar de Emma, que “é rigorosamente humano”, todos temos uma condição para idealizarmos um relacionamento, por exemplo, não só Emma ou as “mulheres românticas”, é possível dizer (e digam, audacioso, se quiserem) que homens, contemporaneamente, tendem a idealizar mais as mulheres, principalmente por perfis de redes sociais onde atuamos ser outra pessoa de uma vida ótima, um bom corpo, um bom relacionamento com pessoas e para com o mundo, a imagem que vemos geralmente não condiz com a que somos. Como já observou Goffman (1922-1982) em *A Representação do eu na vida cotidiana* (1959), o sociólogo entende que a vida social é compreendida como um palco em que se encenam papéis sociais diversos, de modo que o indivíduo não é o mesmo em todas as circunstâncias: se eu sou um empresário em uma reunião de negócios vou me falar e me portar de um jeito diferente se eu estiver com minha esposa, amigos e familiares, meu jeito de falar e gesticular será diferente para cada situação, os linguístas entendem isso como variação linguística, a forma que escrevo uma carta será diferente de um *tweet* ou para uma notícia de jornal, a forma que falo com meus amigos será diferente de como falo com meu chefe. E isso não seria diferente para a atuação midiática e a atuação de frente para com uma pessoa. Sendo o patriarcado e o capitalismo fruto da pressão estética feminina é usual vermos moças atuando outro papel para entrar na sociedade, e o poder da mídia com filtros e *photoshops*, junto com cirurgias estéticas faz com que eles atuem de uma maneira mais drásticas e homens a idealizem e se sintam “frustrados” com o personagem padrão que a sociedade implantou, que é um tanto impossível de atingir, já que quem criou foram donos de patrimônio financeiro exorbitantes.

Como já aponta Fiona Carson (1999) sobre o corpo feminino:

“[...] o ato de teorizar sobre o corpo é especialmente e pertinente às mulheres, haja vista que elas seja o gênero convencionalmente associado ao corpo” (CARSON, 1999, p. 117, apud Veridiana Parahyba Campos, p. 18)

Traçando um paralelo para o mundo moderno a idealização se pôs agora nos ombros de mulheres, estas hoje são idealizadas esteticamente, como podemos ver, devem sempre andar bem vestidas, maquiadas, abaixar a cabeça, serem submissas e satisfazer seus homens sexualmente, o desapontamento é recíproco, pois elas não são robôs muito menos manequins para serem essa idealização masculina que os perfis das redes sociais demonstram, e os homens raramente conseguem satisfazer suas parceiras o que acaba todos partindo para o adultério, ou na moda de hoje, o poliamor, um adultério consentido, visto por muitos, uma solução para o casamento fracassado visto por outros.

Onde quero chegar na alegação da síndrome de Bovary tido por grande parte da população, principalmente no século XXI onde todos são perfeitos e esteticamente satisfatórios pelo “júri da beleza” na *internet*, é que o homem ao trair por não estar satisfeito com seu cônjuge busca um “modelo” mais novo e é tido como o homem da vez, o garanhão conquistador, mas a mulher gera sempre represálias, ofensas, principalmente se houver religiosos por perto pois é uma falta de respeito trair o marido mesmo que este o faça, a mulher sempre tem nos ombros ofensas graves, enquanto o homem sobe no pódio da “masculinidade” porque nessa competição sem sentido quem tiver mais relações sexuais na lista vence (mas nunca são pontuados quantas vezes a mulher se satisfaz nessas relações).

Mesmo embora a escolha de padrão estética seja feita pelo patriarcado as mulheres não deixam de buscar a beleza, antes era para satisfazer seus maridos ou para conseguir um para sobreviver, como já vimos, com a entrada do feminismo é possível ver que buscam para se sentirem bem, o que leva a pergunta, ninguém está bem consigo mesmo? Se isso é coletivo então deve haver um responsável pela baixa autoestima? Bem, sim e não, digo, o capitalismo e o marketing de propaganda de cosméticos forçosamente salientam que precisamos mudar algo em nós para sermos meramente aceitos na sociedade que hoje estamos, mas por quê só mulheres buscam a beleza? Se no século XXI há trabalhos e possibilidade de as mulheres se sustentar sem precisar de um marido como no século XIX por que os homens também não buscam a tal da beleza? Veridiana Parahyba em *Beleza, Feminilidade e Reflexividade* (2010) diz que:

“[...] no senso comum - lugar onde se difundem mais livremente todos os mitos e valores sociais - sobretudo nas sociedades ocidentais, “a busca da beleza” (traduzida em atribuição elevada preocupação com aparência), é claramente “coisa de mulher”. O resultado objetivo dessa atribuição historicamente formentada é que, contemporaneamente, vários indicadores nos mostram que os cuidados com a aparência são *de fato* uma preocupação eminentemente de mulheres”

Então a busca pela beleza é apenas feminina? Não necessariamente, homens invejam em outros homens inteligência, poder econômico e beleza, esta está em último lugar porque fomos ensinados que se você tem dinheiro tem tudo, se a pessoa busca beleza para se relacionar isso será o de menos se você possuir dinheiro pois o dinheiro aluga o amor, uma compensação pela falta de beleza, carisma ou outros aspectos que as pessoas buscam em parceiros, isso está enraizado em nossa sociedade e cada passo que damos para frente mais se torna um fato que dinheiro lhe proporcione tudo. Já para a mulher ao se perguntar o que mais a inveja em outra mulher será beleza, corpo e inteligência, não podemos tomar por essas respostas algo como superficial, creio que haja um fator do inconsciente coletivo proposto por Carl Jung (1875-1961) um psiquiatra suíço, fundador da escola da Psicologia Analítica.

“[...] tem-se que o inconsciente coletivo é um repositório de experiências universais, que se repetem a cada geração e, conseqüentemente, são herdadas pelas gerações subsequentes, mas não diretamente, mas sim são herdadas as potencialidades ou predisposições, as quais influenciam o comportamento atual”. (SCHULTZ & SCHULTZ, 2011, p. 93)

Como vimos anteriormente a mulher de séculos passados tinham que ter beleza para conseguir um marido e sobreviver, posto que isso pode ter se tornado algo de instinto de sobrevivência, enraizado no nosso inconsciente ainda tem a base de que se a mulher for bela e o homem for rico terá condições mais confortáveis na sociedade, isso é um fator hereditário. Como diz Jung (2000, p.51):

Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos

do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos.

O que faz a sociedade pensar que as mulheres só pensam em beleza, mercadorias para uso de estética extravagantes como maquiagem, bolsas caras, roupas da moda, entre outras mercadorias que as empresas e a sociedade de alguma forma as “forçam” comprar é um arquétipo do inconsciente coletivo de Jung, *“arquétipos são temas que tem existido em todas as culturas através da história. Em vários pontos de sua escrita, Jung refere-se de muitos temas como ‘imagens’, ‘imagens primordiais’, ‘imagens-raiz’, ‘dominantes’, e ‘comportamento padrão’.* Ryckman (2008, p.82, tradução minha), “De acordo com Jung”, diz Ryckman, “muitas memórias coletivas são universais na natureza por causa de nossa evolução comum e estrutura cerebral”.

Isso explica nosso comportamento similar para diversas coisas, sendo assim, mesmo que evoluamos em tecnologia e em sociedade ainda agiremos como se estivéssemos há séculos atrasados por conta do nosso comportamento padronizado como indivíduos em coletivo, isso se aplica ao ódio, medo, tristeza.

O “mal”, conceito complexo para definir, afinal, o que é ser mal para um pode não ser para outros, como vimos nos campos de concentração criados na Alemanha nazista, até os dias de hoje o mal é banal, algo comum, natural por assim dizer, esse termo foi criado pela filósofa Hannah Arendt (1906-1975) em seu livro *Heichman em Jerusalém* (1963). Esse pode ser um exemplo de como o ódio pode estar padronizado em nós mesmo que já estejamos “evoluídos” em alguns pontos.

Desta maneira, esses temas ou imagens primordiais, como Jung também os chama, são experiências universais, existindo tantos quantos são as experiências humanas comuns a todos, gravados em nossa psique e expressos através de nossos sonhos. (SCHULTZ & SCHULTZ, 2011, p. 94, apud Fernanda Batista de Almeida e outros)

Isso explica do porquê na sociedade machista possuir tantos estereótipos de gênero como as mulheres serem mais emotivas que racionais, mais frágeis,

sensíveis e até mesmo menos confiáveis, visto que Eva, ao comer o fruto proibido, fora expulsa do paraíso com seu parceiro Adão, agora o ódio se voltou para com ela, e através de séculos as igrejas fizeram um ótimo trabalho para continuar com esse ódio para com as mulheres, isso vem reverberando até os dias atuais onde há o Femicídio (femicídio é o assassinato de uma mulher cometido devido ao fato de ela ser mulher ou em decorrência da violência doméstica. Foi inserido no Código Penal como uma qualificação do crime de homicídio em 2015 e é considerado crime hediondo), odiar uma mulher só por ser mulher? Isso não é novo em nenhuma cultura, isso acontece em todos os países com casos extremos como na Arábia Saudita.

As mulheres são vítimas e discriminação de diversas maneiras, mas quando se é uma mulher preta e pobre e periférica os perigos triplicam, abusos, violência racial, e femicídio são sempre constantes na vida de uma mulher negra, a estética também não diminui seu rigor para com elas já que a maioria das *influencers* são brancas de cabelos lisos, negras tendem a alisar o cabelo para adentrar no padrão abandonando sua identidade, e com isso vêm problemas psicológicos como ansiedade e depressão já que se sentem sempre excluídas socialmente, a estética já posta no senso comum as fazem pensar que elas são descartáveis, e o capitalismo aproveita dessa queda emocional para propor “soluções” de consumo, e como não basta na vida real a luta para aceitação é mais comum ver uma curtidas para pessoas brancas debatendo o mesmo assunto que pessoas negras tendo curtidas .

Conclusão

Como vimos, a sociedade tem mais discriminação pelas mulheres do que para com os homens em diversos tópicos, mesmo que estejamos no século XXI o progresso é muito lento para os mesmos direitos e confortos, principalmente se o país em que se vive há desigualdades sociais e econômicas, e mesmo que mudasse-mos este sistema levaria talvez duas gerações para diminuir ou acabar com a discriminação e os estereótipos visto que se a o coletivo tiver as ordens vindo do machismo a progressão se não for lenta será impossível, como é demonstrado

desde ao séculos passados muito antes da Idade Média até o momento, o progresso só veio a ser realmente visto no século XX, o que podemos perceber é que no depois de cem anos ainda é, para as mulheres, viver, é certo que alguns países mais bem desenvolvidos houve uma diminuição visto que um dos grandes motivos se dá ao *neo-liberalismo* desenfreado, mas a minoria não pode dizer pela maioria, e essa é imensa em diversos países, a questão que fica é que no próximo século haverá uma mudança brusca ou ainda engatinharemos.

Referencias

AZEVEDO, Alúcio, O Cortiço, editora Principis; 3ª edição (17 outubro 2019)

AUSTEN, J. Emma. Tradução: Adriana Sales Zardini. São Paulo: Martin Claret, 2012.

AUSTEN, Jane. Orgulho e Preconceito: Editora Martin Claret; 1ª edição (12 abril 2018)

AUSTEN, Jane. Persuasão. São Paulo: Francisco Alves, 1996.

A verdadeira história de Medusa. Nicole Camperoni de 26/03/2019, disponível em <https://newronio.espm.br/a-verdadeira-historia-da-medusa/>

Análise Literária | Madame Bovary - Gustave Flaubert, de 08/11/2018, por Natali Loure, disponível em: <http://www.nataliloure.com.br/2018/11/uma-analise-reflexiva-madame-bovary.html>

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: Ciência e cultura. São Paulo. USP, 1972.

Friedrich Engels. A origem da família, da propriedade privada e do Estado, por Luciana Marcassa, 2006, em <https://revista.pgsskroton.com/index.php/educ/article/view/2178>

GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na Vida Cotidiana, Vozes. 1956

Inconsciente coletivo e o arquétipo da persona: Noções introdutórias, arito por Fernanda Batista de Almeida e outros, disponível em [Microsoft Word - inconsciente \(unijipa.edu.br\)](https://www.unijipa.edu.br/inconsciente)

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

Mulheres são responsáveis pela renda familiar em quase metade das casas, notícia do Correio Braziliense, publicado em 16/02/2020, disponível em [Mulheres são responsáveis pela renda familiar em quase metade das casas \(correiobraziliense.com.br\)](http://www.correiobraziliense.com.br)

O Bovarismo de Jules de Gaultier (na ficção e na vida): Fontes e vertentes, tese de mestrado em Letras por Camila David Dalvi, UFES, 2008.

Orgulho & Preconceito: um estudo sobre o papel da mulher na sociedade da Inglaterra provinciana do século XVIII. por Marina Amaral Oliveira UFS, em http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_2049.pdf

RYCKMAN, Richard M. Theories of Personality. 9.ed. Belmont: Thomson Wadsworth, 2008.

SCHULTZ, Duane P. SCHULTZ, Sydney Ellen. Teorias da Personalidade. 2.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

Resumo e análise da obra de Otelo, William Shakespeare, de 17/11/2010, disponível em:

<https://profaclaudiacem804.webnode.com.br/news/resumo-e-analise-da-obra-otelo-william-shakespeare/>

Uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência na pandemia no Brasil, aponta pesquisa, notícia do G1 São Paulo, de 07/06/2021, disponível em [Uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência na pandemia no Brasil, aponta pesquisa | São Paulo | G1 \(globo.com\)](http://globo.com)